

ANIMAIS PEÇONHENTOS: CONHECIMENTO DE PROFESSORES E ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO OESTE CATARINENSE

Viviane Zulian (Acadêmica de Ciências Biológicas – UNOCHAPECÓ)
Carin Guarda (Acadêmica de Ciências Biológicas – UNOCHAPECÓ)
Junir Antonio Lutinski (Vigilância Ambiental – Secretaria de Saúde Chapecó)
Maria Assunta Busato (Docente da Área de Ciências da Saúde – UNOCHAPECÓ)

Introdução

Animais peçonhentos são aqueles capazes de produzir e inocular substância tóxica, sendo responsáveis por causar acidentes que podem provocar complicações locais, gerando sequelas e em casos mais graves, evoluir ao óbito (BRASIL, 2009a).

Na região sul predomina aracnídeos dos gêneros *Loxosceles* (popularmente conhecidos como “aranha-marrom”) e *Phoneutria* (armadeira), serpentes dos gêneros *Bothropoides* (jararaca), *Crotalus* (cascavel) e *Micrurus* (coral-verdadeira), escorpiões *Tityus* e lagartas do gênero *Lononia* (FUNASA, 2001).

Com a destruição de ambientes naturais, pela ação do homem, é previsto que alguns animais existentes neles, se desloquem para outros ambientes. Lutinski e Garcia (2005) afirmam que com a construção do grande número de lagos para a produção de energia elétrica houve deslocamento de animais peçonhentos de seu hábitat natural. Ressalta ainda que a expansão agrícola contribui para a redução de espaços naturais de permanência destes animais na natureza.

Segundo Ferreira e Soares (2008), um dos principais fatores responsáveis pelo alto índice de acidentes com animais peçonhentos é o desconhecimento da população sobre aspectos biológicos e ecológicos básicos de cada animal, assim como sobre a prevenção de acidentes.

A prevenção de acidentes com esses animais passa pelo envolvimento da população como um todo. A escola é um dos principais locais onde se constroem conhecimentos, sendo atribuída a esta a função de formar cidadãos críticos e responsáveis e de alfabetizar cientificamente. Segundo Chassot (2010), um indivíduo alfabetizado cientificamente entende o meio onde vive e age de forma a melhorá-lo. Além disso, espera-se que os professores, como mediadores do conhecimento, estejam instruídos para que possam ensinar os estudantes sobre a biologia e ecologia dos animais peçonhentos, de forma a evitar acidentes.

Metodologia

Para a coleta de dados utilizou-se uma entrevista semiestruturada. Foram amostrados estudantes do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas de Chapecó e Palmitos, SC, e seus professores de Biologia. Os critérios para escolha das escolas foram: serem da rede Estadual de Ensino; estarem conveniadas com a Universidade Comunitária da Região de Chapecó no projeto Universidade-Escola e dentre essas, fez-se um sorteio. Para os estudantes, foram sorteados 10% de cada turma do terceiro ano do ensino médio. Além disso, foram entrevistados os professores de Biologia das turmas sorteadas. Nas escolas que possuíam mais que uma turma, foi feito sorteio dentre elas.

Resultados

Dentre os 21 estudantes entrevistados, apenas um definiu corretamente o que é um animal peçonhento. Nos demais se percebeu um conceito errôneo já formado e a reação de

“pavor” que esses animais causam. Dentre as respostas, destacam-se: “pode causar algum mal à saúde, dor ou podem matar” e “animal peludo, feio, grande, com garras”. Esta visão negativa atribuída a eles fortalece a ideia que estes animais devem ser completamente eliminados do meio para evitar os acidentes. De acordo com o Guia de Vigilância Epidemiológica (BRASIL, 2009a), um animal peçonhento é aquele que causa envenenamento pela ação de toxinas inoculadas, por meio de aparelho inoculador.

Em relação às formas de prevenção, estudantes e professores afirmaram: manter o terreno limpo, sem presença de baratas, cuidado com calçado e roupa no caso de frequentar locais de risco, vestindo calças grossas e botas. Além disso, os estudantes relataram que se pode “*aplicar veneno para matá-los ou espantá-los*”, “*não mexer com esses animais para que eles não se sintam ameaçados e ataquem*” ou que não sabem como se prevenir. Segundo o Guia de Vigilância Epidemiológica (BRASIL, 2009a), o acúmulo de lixo doméstico e entulhos favorecem a aproximação de animais peçonhentos.

Quando os professores foram questionados sobre como agir no caso de acidentes, a maioria dos entrevistados mencionou ir para o hospital em todos os casos e “*se possível levar o animal causador do acidente*” para facilitar o tratamento. Procedimento considerado mais adequado pela Fundação Nacional de Saúde (2001), pois identificar o animal causador do acidente é de fundamental importância, para facilitar tratamento do paciente. Dois docentes afirmaram que orientam os estudantes a não utilizarem substâncias no local da picada, procurando desmistificar métodos utilizados, como por exemplo, aplicar alho, pó de café, teia de aranha, dentre outras. Entretanto, se percebeu que alguns professores possuem conhecimentos equivocados em relação à forma de agir em caso de acidente. Alguns relatos se destacam, como “*se deve fazer torniquete no local da picada e em seguida ir para o hospital*” e “*aplicar sal amoníaco com leite sobre a picada de aranha é um método tão eficiente quanto tratamento médico*”. Essas declarações são, de acordo com os autores Souza e Souza (2005) reflexo da deficiência na sua formação, pois os currículos de graduação em Ciências Biológicas, na sua maioria, quase nada contemplam esse tema. Ferreira e Soares (2008) argumentam que a deficiência na formação dos professores faz com que fiquem “alienados” ao livro didático, que muitas vezes possui informações equivocadas.

Um estudante afirmou que, em caso de acidentes com aranhas, o indicado é “*lavar com água e sal*”, e no caso de lagartas “*passar leite*”. Para acidentes com serpentes, alguns recomendam “*amarrar perto do local (torniquete), sugar o veneno com a boca e passar álcool no local*” e na ocorrência de acidentes com escorpiões “*colocar um pedaço de cacto no local da picada, para que este extraia o veneno*”. Outros citaram que para qualquer tipo de acidente, deve-se “*tentar tirar o veneno (sugando) e fazer um corte no local da picada, tirar todo o sangue com veneno e depois amarrar um pano (torniquete)*”.

Segundo Borges (2001), fazer torniquete agrava a ação proteolítica da peçonha e aumentam o risco de infecção. O Ministério da Saúde (BRASIL, 2009b) adverte que, para todos os tipos de acidentes não se deve amarrar ou fazer torniquete, nem aplicar e ingerir qualquer substância ou cortar, perfurar e queimar o local da picada.

A boa qualificação dos professores contribui para a competência de serem mediadores entre o conhecimento científico e popular e na promoção da saúde. É importante que o tema não seja abordado de forma fragmentada, mas que o profissional compreenda as relações dos fatores culturais e ambientais com a saúde da população (PFUETZENREITER, 2001). Durante a formação dos docentes, é fundamental compreender que existem animais que podem trazer riscos à saúde humana, porém que possuem uma importância no ecossistema onde estão inseridos e que se esse meio natural for conservado os riscos serão menores.

Considerações finais

A partir deste estudo, pode-se considerar que alguns estudantes e professores possuem um conceito errôneo sobre os animais e suas formas de vida. Além disso, muitos não consideram que esses animais possuem uma função ecológica onde vivem. Ainda, nota-se que a maioria dos entrevistados sabe como prevenir-se de acidentes com animais peçonhentos, porém, entendem que eliminar esses animais é a solução para minimizar os acidentes. A redução destes acidentes só acontece quando se evita que o meio ofereça as condições favoráveis para a ocorrência dos animais peçonhentos.

A maioria dos estudantes e professores reconhece que levar a vítima ao hospital é a melhor ação em caso de acidentes com animais peçonhentos, porém percebe-se nas entrevistas a presença de recomendações de práticas caseiras, as quais não são recomendadas pelo Ministério da Saúde.

As concepções equivocadas e a falta de conhecimento observado com o grupo de entrevistados podem ser resultado de um ciclo que se inicia na formação dos professores que é, a princípio, insuficiente na matriz curricular e na formação complementar. Por consequência a deficiência na formação docente reflete na sua vida profissional e, neste caso, na construção do conhecimento junto aos estudantes sobre o tema de animais peçonhentos.

5 Referências

BORGES, R. C. **Serpentes Peçonhentas Brasileiras**, São Paulo: Atheneu, 2001. 150p.

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Guia de Vigilância Epidemiológica**. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. 7.ed. Brasília, DF, 2009a. 813 p.

_____. _____. **Vigilância em Saúde: Zoonoses**. Secretaria de Atenção à Saúde. Cadernos de Atenção Básica. Brasília, DF, 2009b.

CHASSOT, A. I. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. Ijuí: Editora Unijuí, 2010. 368 p.

FERREIRA, A. de M.; SOARES, C. A. A. Aracnídeos peçonhentos: Análise das informações nos livros didáticos de Ciências. **Ciência e Educação**. v.14, n.2, p.307-314, 2008.

FUNASA, Fundação Nacional de Saúde: **Manual de diagnóstico e tratamento de acidentes por animais peçonhentos**. 2ª ed. – Brasília, 2001. 120 p.

LUTINSKI, J A.; GARCIA, F. R. M. Análise faunística de Formicidae (Hymenoptera: Apocrita) em ecossistema degradado no município de Chapecó, Santa Catarina. **Biotemas**, n.18, n.2, p.73-86, 2005.

PFUETZENREITER, M. R. A ruptura entre o conhecimento popular e o científico em saúde. **Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências**. v.3, n.1, p.1-15. 2001.

SOUZA, C. E. P. de; SOUZA, J. G. de. **(Re) Conhecendo os animais peçonhentos: diferentes abordagens para a compreensão da dimensão histórica, sócio-ambiental e cultural das ciências da natureza**. V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências. Nº 5, 2005.